

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Crítica

Class.: 32

Data: 26/03/75

Pg.: \_\_\_\_\_

### FUNAI vê e critica trabalho da Missão Catrimani

Boa Vista, 24 (De Mário Jorge, enviado especial)

O presidente da Funai, General Ismarth Araújo, não ficou nada entusiasmado ao visitar a Missão Catrimani, na rodovia Perimetral Norte, que comanda cerca de 53 índios Yanomamis. Verificou que os civis não estão recebendo boa assistência por parte das responsáveis, tendo à frente o irmão Carlos Zanquini. Os índios continuam vivendo primitivamente, numa grande maloca, completamente despidos e até doentes.

Desde o prosseguimento a missão, que se prevê a comitiva da presidência da Funai esteve no posto indígena do Ajarani, que tem sob sua tutela cerca de 200 índios do mesmo grupo. Nesse local, a situação dos civis não está muito bom, o que fez o General Ismarth Araújo exigir dos seus subordinados maior preocupação para com aqueles índios, que há quase dez anos foram contactados e ainda continuam praticamente na mesma situação. Val estudar as possibilidades de delimitar a reserva indígena dos Yanomamis, quando do reencontro em Manaus com os grupos do tarifa que estão atuando na área.

#### Insatisfação

A comitiva da presidência da Funai ao chegar à Missão Catrimani, foi recebida, pelo chefe da missão, irmão Carlos Zanquini.

Do início, o titular da Funai demonstrou insatisfação, ao notar que os índios apresentavam-se primitivamente, isto é, completamente nus, e não falam uma só palavra em português, com o dialeto próprio da região. Indagou ao irmão Carlos, por que os referidos índios continuavam daquela maneira. Foi-lhe respondido que "eles não se acostumam com roupas, preferem andar despidos". Minutos depois, uma pequena índia dirigiu-se a um dos membros da comitiva e através do gesto, pediu-lhe a camisa, dando a entender que sentia frio.

O irmão Carlos passou a fazer explicações aos membros da comitiva, dizendo que "os índios podem muito e nunca ficam entediados com o que recebem, apesar do mau tratamento para com eles". O mais interessante do todo, comentou um dos diretores da Funai, é que o missionário não permite que outros pessoas deem nada aos índios, sendo isto próprio.

#### Maloca

Até então, a imagem dos Yanomamis estava sendo pintada de maneira muito bonita pelo irmão Carlos. Mesmo assim, notando que o titular da Funai não mostrava satisfação e continuou a fazer indagações a respeito.

O General Ismarth disse que queria ir até a maloca, e como se encontra apenas a 200 metros do prédio da missão, foi caminhando para lá. Adentrou-a e qual foi a surpresa, notando que a total desassistência àqueles índios, não conseguindo manter diálogo com eles. Há a vista que não falam nada de português, sendo o dialeto próprio dos Yanomamis.

Podem considerar que esses 53 índios não estão em condições próprias, pois quase nenhuma criança notou-se no interior da maloca. Tal por diante insatisfação do titular da Funai foi maior, porém, não fez qualquer comentário a respeito, sendo man-

dar que seus assessores directos tomassem todas as providências necessárias visando oferecer ao índio o que na realidade ele merece.

#### "Banca"

Continuando a sua inspeção, o titular da Funai, General Ismarth Araújo, percorreu outros locais da missão, indagando informações sobre o irmão Carlos Zanquini, que conta de uma estratégia "espionagem", procurava através de palavras censurar os índios.

Dentre as indagações feitas pelo presidente da FUNAI, perguntou o que os índios produzem na área em termos de desenvolvimento. Foi-lhe respondido que os Yanomamis, pouco querem com a agricultura, porque só trabalham quando bem entendem. "Não adianta nem criar animais — disse o irmão Carlos — pois eles não matam para comer, dizendo que isso não é permitido e que o espírito mal leva". A única coisa que ainda fazem são peças de artesanato, que são vendidas.

O presidente da FUNAI perguntou para quem a coisa enrolou um pouco e a respeito surgiu: "Para nós mesmos, porque não são grandes coisas". "E esse dinheiro, para onde vai?" — indagou o gen. Ismarth. "Para o banco Catrimani". — respondeu irmão Carlos. "Que banco é esse?" — voltou a indagar o general. O missionário pediu que os presentes lhe acompanhassem e levou-os a um barracão, onde mostrou um fichário, com diversos nomes.

Explicou que como eles não têm noção de dinheiro, fez cartões a toda vez que eles fazem um trabalho para com os visitantes. Representando o valor em dinheiro, existem no verso de cada cartão boas variedades, amarelas, azuis, etc. Isso quer dizer que o índio trabalha para a missão e recebe os cartões, para, no fim do mês ou da semana, receber os presentes ou medicamentos dados pela OSM, através da FUNAI. Mesmo assim, continuou no ar a pergunta: E os pagamentos de artesanato?

#### FUNAI

Posteriormente, ao ser indagado a respeito, o presidente da Fundação Nacional do Índio disse que o grupo de trabalho que se encontra naquela região está recebendo instrução para que faça uma profunda análise dos problemas que estão afligindo os Yanomamis, principalmente os que estão sob a orientação da Missão Catrimani, pois tudo isso terá que ser esclarecido, custo o que custar. Os índios não podem continuar sendo explorados por aqueles que os dizem seus amigos. "Isso — disse — é apenas para tirar proveitos".

#### AJARANI

A seguir, a comitiva fez visita ao posto do Ajarani, também na Perimetral, porém, nas proximidades do km-49, em direção a Boa Vista, a quase 3 quilômetros da margem da estrada. Nesse posto, notou-se que os índios não vivem em excelentes condições, porém, a coisa é um pouco melhor. Inúmeros casos de gripe e alguns de tuberculose.

Os indígenas acometidos por gripe estão recebendo assistência no próprio local. Quanto aos que estão com tuberculose ou suspiros daquela doença, estão sendo remetidos para Boa Vista, onde baixam hospital até a total recuperação, há a vista que dias atrás, através de um convênio entre Governo do Território e a FUNAI, inaugurou-se uma enfermaria própria para o índio em substituição agregada ao hospital territorial. Assim, o general Ismarth exigiu maior empenho de seus subordinados e que tomarem aos assessores tudo aquilo que faltava, para poder resolver os problemas.